



EDITORIAL

CIÊNCIA DA RELIGIÃO: uma ciência invisibilizada?

RELIGIOUS STUDIES: an invisibilized Science?

CIENCIA DE LA RELIGIÓN: ¿una ciencia invisibilizada?

Brasil Fernandes de Barros *

A Ciência da Religião vem consolidando seu campo de atuação ao longo dos anos, reafirmando, segundo Passos e Usarski (2013), sua legitimidade disciplinar em meio a outras áreas do conhecimento. Alguns autores apontam a trajetória complexa da disciplina, que se estenderia por cerca de mais de 150 anos, em várias partes do mundo, embora desde a Grécia Antiga se encontrem estudiosos da religião, como “Heródoto (484-425), com suas descrições sobre os costumes religiosos do Egito, da Babilônia e da Pérsia.” (Usarski, 2013, p. 53). Ao longo desses aproximadamente 150 anos, a Ciência da Religião veio se delineando e tomando corpo como disciplina autônoma na comunidade científica em relação à Teologia, à Filosofia e às outras disciplinas que se dedicam ao estudo das religiões.

Usarski (2013) chama a atenção para a especificidade da produção de conhecimento da Ciência da Religião – “[...] não fornecido por nenhuma outra disciplina acadêmica.” (Passos; Usarski, 2013, p. 52) – e situa duas tendências principais para sua constituição como disciplina autônoma: a) o aumento de conhecimento de novas culturas e suas expressões religiosas; b) o aumento do estudo científico das religiões, em detrimento de abordagens dogmáticas (Passos; Usarski, 2013).

No Editorial da Interações do v. 17, n. 01. jan./jun. 2022, Flávio Senra, logo no início de suas considerações, recorda que “o descritor *religião* está no centro dos nossos interesses como cientistas da religião”, e mais à frente destaca que “[...] identificamos esse descritor como um termo que não parece exclusivo dos ambientes institucionalizados das crenças e

* Doutor e Mestre em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista do Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG) - Pós-Doutorado Estratégico da CAPES. ORCID: 0000-0002-5285-4871. E-mail: brasil@netinfor.com.br

tradições identificadas como religiosas.” (Senra, 2022, p. 8). Contudo, isso me parece muitas vezes restrito ao meio acadêmico sem maiores repercussões além do círculo de profissionais da Ciência da Religião.

Vivemos atualmente em um mundo extremamente conturbado, com questões de ordem geopolíticas importantes como a guerra entre Ucrânia e Rússia, a guerra de Israel contra o Hamas e contra os palestinos, em uma época onde as questões de ordem ambiental, questões de gênero, entre outras, têm se destacado de forma premente. Um momento em que as opiniões (*doxa*) tornaram-se leis para muitos. Todos têm uma opinião, que é, muitas vezes, contrária ao conhecimento (*episteme*) embasado em posições científicas.

No que diz respeito à Ciência da Religião, qual tem sido o comportamento da chamada grande mídia em relação à religião? Os jornalistas e os fornecedores de conteúdo, como se comportam diante das informações de nossa área de atuação? Quando as questões são de geopolítica, por exemplo, vemos nas diversas mídias nacionais a consulta da imprensa a cientistas políticos e ou a especialistas em relações internacionais. Quando as questões são de ordem jurídica, advogados e juízes são conclamados a opinar. No terremoto na Síria e na Turquia, uma tragédia com dimensões enormes, muitos geólogos e especialistas foram convocados a expressar suas opiniões e a explicar os fundamentos de suas ciências.

Mas, e quando o assunto é religião? No governo que se encerrou em 31 de dezembro de 2022, o assunto foi extremamente trazido à baila. Assistimos a jornalistas dos mais diversos tipos de mídias expressando suas opiniões, e quando a interpretação se torna extremamente densa não temos visto com regularidade o convite à análise feita por profissional cientista da religião. Somente a título de exemplo, um assunto que obviamente deveria ser de interesse da Ciência da Religião, inclusive por questões de colocação profissional, foi a aprovação pelo plenário do STF do Ensino Confessional nas escolas públicas em 2017. No lugar de se consultar os *especialistas*, os profissionais da mídia se arvoram no direito de expressar suas opiniões como abalizadas para tal.

Por que essa invisibilização de nossa disciplina acontece? Será que a “culpa” é de nossa área que não se posiciona adequadamente em relação aos temas de interesse da sociedade no tocante ao objeto da disciplina? Ou será que o assunto religião é um tema secundário? Será que isso advém do dito popular que “política, futebol e religião” não se discutem? Eu penso que não, já que são diversos os programas midiáticos dedicados à discussão do futebol e de política na televisão.

A questão, ao meu ver, repousa numa particular interpretação da afirmação constitucional da laicidade do Estado que diz ser “inviolável a liberdade de consciência e de

crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (Brasil, 1988, art. 5º). O que eu entendo é que todos podem se expressar e defender as ideias em relação à sua religião e têm o direito de fazê-lo. Contudo, não é disso que se trata aqui, pois estamos falando de questões relativas à análise do fenômeno religioso operado por profissionais da disciplina Ciência da Religião.

Associações, programas e cursos poderiam colaborar com a melhor visibilidade da Ciência da Religião, através do aperfeiçoamento dos canais de comunicação com a sociedade. Esta é também uma tarefa para os profissionais da área.

Também cabe uma tarefa de explicitação sobre o perfil de abordagem do objeto religião que fazem cientistas da religião. Parece haver uma falta de definição entre profissionais da área. O que dizer do reconhecimento externo à nossa atuação como cientistas da religião na sociedade? Isso não está claro para o leigo e tampouco para a mídia em geral que parece desconhecer a existência de nossa disciplina. Temos que refletir sobre isso.

Associações como a ANPTECRE, a SOTER, a ABHR, desempenham nobremente os seus papéis no âmbito acadêmico. A posição especializada de cientistas da religião não exclui as vozes oficiais de organizações como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Federação Espírita Brasileira, a Confederação Israelita, a Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, a Federação Brasileira de Umbanda, a Associação Nacional Das Religiões Afro-Brasileiras, organizações de igrejas evangélicas, dentre outras. Porém, me pergunto se nós, cientistas da religião, que carecemos de posições junto ao mercado de trabalho universitário, vamos continuar a depender tão somente das cadeiras acadêmicas para o nosso sustento, são as vozes especializadas de cientistas de religião as que poderão oferecer um viés analítico e cientificamente fundamentado. Para isso, cientistas da religião poderão colaborar seja a partir do vínculo acadêmico, seja a partir das assessorias e consultorias junto ao poder público ou à iniciativa privada.

Espero pelo dia em que se torne regular ouvir na grande mídia a seguinte frase: “Agora vamos chamar aqui a/o cientista da religião tal, que nos explicará as nuances das questões relacionadas a tal assunto ...” Sinto que somos ainda invisíveis do ponto de vista do reconhecimento público da nossa disciplina no País.

Se hoje em dia pode-se opinar sobre tudo, a vantagem de se escrever um Editorial, é que este, também é um espaço onde se pode falar, um lugar para expressar opiniões. E a minha, no presente Editorial, é que se nós cientistas da religião nos calarmos, se não nos posicionarmos, continuaremos invisibilizados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 25 out. 2023

SENRA, Flávio. Editorial - Sem Religião: um tema para investigação. **Interações**, Belo Horizonte, Brasil, v. 17, n. 01, p. 008-014, jan./jul. 2022.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013. p. 51-61.